

NUMBERS

A ALIANÇA



CAROLINA REGINATTO

LIVRO DOIS

NUMBERS

A ALIANÇA



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022
Copyright © Carolina Reginatto, 2017

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PREPARAÇÃO
Rebeca Luz
Jadna Alana

REVISÃO
Bianca Gulim

CAPA
Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Reginatto, Carolina
Numbers II, a aliança / Carolina Reginatto. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-18-2

1. Ficção brasileira 2. Fantasia urbana I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Para todas as pessoas cuja jornada se entrelaçou com a minha e
para todas aquelas que amo incondicionalmente. A magia pode
transformar vidas se você acreditar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que acreditaram em mim, me apoiando em todas as etapas para a realização do meu sonho.

Esta é, sem sombra de dúvidas, a melhor e mais mágica parte de mim; poder compartilhá-la com minha família e meus amigos é maravilhoso.

Agradeço ao meu amor, Mateus. Eu não conseguiria sem você.

Agora vamos juntos continuar a leitura da segunda parte desta história que amo tanto.

PRÓLOGO

Sei que neste momento está me odiando por quebrar a minha promessa, Helena. Sei que falhei em cuidar e proteger você e que agora deve estar com o coração despedaçado e quebrada por dentro.

Como sei disso? Bem, eu estaria me sentindo assim se estivesse no seu lugar.

Mas você não está sozinha. Espero que tenha ciência disso. Está rodeada de pessoas que se preocupam com você e sei que ficará bem.

São nesses momentos que pensamos em tudo que vivemos.

É como um filme, sabe?

E você tinha razão.

Lembra que você me dizia que não deveríamos nos importar com a opinião dos outros? Percebo agora que é verdade.

Sempre fui a criança agitada e encrenqueira, você sabe. Aquele menino que queria mostrar aos colegas que era bom, que conseguia fazer tudo a que me desafiassem. Mas, no fundo, tudo que eu queria era me enturmar, me sentir bem em um grupo de amigos.

Fui assim até a adolescência, não fui? O Lorenzo problemático. Aquele que quebrava coisas, que pulava os muros, que aprontava. Quando as coisas apertavam, os meus “amigos” corriam e só eu respondia pelas brincadeiras.

Inúmeras vezes ouvi as mães dos meus colegas dizendo que não me queriam perto de seus filhos, pois os levaria para um mau caminho. Foi nessas vezes que chegava até você, arrasado e deprimido porque, no final das contas, só... queria ser aceito. Você, em vez de me abraçar e me deixar reclamar da situação como qualquer pessoa faria, olhava para mim com uma cara de repreensão e me dizia: “Está se lamentando por isso? Eles não são seus amigos, Lorenzo. Se fossem, teriam enfrentado a merda da mãe deles por você”.

Até fiquei ofendido na primeira vez e respondi que eram as mães que os impediam de me ver e que eles não tinham culpa. Você deu aquela bufada tão característica sua e me respondeu na cara dura: “Acha que eu me importaria se minha mãe ou Alejandra quisessem me proibir de ver você? Eu enfrentaria quem quer que fosse por você. Não estou nem aí para o que dizem. Você é melhor do que isso, Enzo”.

Apenas tempos depois fui entender que, ao dizer isso, você estava me dizendo que eu não precisava dos outros... porque você estava ali para mim.

Você sempre esteve ali para mim.

Sei que não foi fácil em nenhuma das vezes, porque você sempre foi a que mais sofreu. Foi quem viu os seus pais morrerem, quem sofreu com os treinos rigorosos de Alejandra e ainda tinha o fato do seu amigo aqui não parar de arrumar problemas para a sua cabeça.

Éramos nós dois contra o mundo, lembra?

Por muito tempo sonhamos em derrotar Kaguyan e acabar logo com isso. Já imaginou? Sem Zekens a nos perseguir, sem mudanças repentinas de cidade, sem o medo de perder alguém importante, sem a dor que tanto permeia nossos corações. Sei que sim, porque eu mesmo já me peguei várias vezes pensando nisso.

Eu, infelizmente, não estarei aí para viver tudo isso contigo. Mas você, sim. Você ainda terá essa chance e viverá tudo isso. Helena, você será feliz!

Felicidade.

Outra coisa que sempre almejamos, mas quase nem sentimos mais o gosto, né?

Você a alcançará, embora agora pareça mais difícil do que nunca. Sei que você é capaz, porque não é qualquer uma, você é Helena Benitez — ou, para mim, simplesmente Helena. Aquela que preencheu o meu coração quando pensei que só existia o vazio, aquela que me deu forças para lutar por algo que nem sabia que conseguia.

Mesmo que nunca disséssemos através de palavras o que sentíamos um pelo outro, sei que nossas atitudes mostravam isso. Sei que no fundo você sabe — e sempre soube — de todo amor e carinho que sinto por você.

Você é a minha família e eu daria a minha vida por você se fosse preciso.

Seus poderes sempre foram superiores aos meus, e, mesmo que diga que a ordem dos números são apenas “numerações que dão às vacas antes de morrer”, como sei que adora dizer, você sempre se destacou por toda a força bruta que há dentro de si.

Qual é?! Admita. Você sabe que é incrível.

Nunca me esquecerei de todas as vezes que você se jogou na minha frente impedindo os ataques direcionados a mim. Ou dos ferimentos que sofreu por minha causa.

Mesmo que doesse, não faria diferença, era o que você dizia, porque passaria rápido e não seria esse o meu caso. Só que eu me sentia tão mal em ver as várias cicatrizes que eternizaram os machucados na sua pele... Aqueles que levou por mim. Isso não era fácil de ver e não tenho vergonha de admitir.

Ao encontrarmos William e James, tudo que pedi a você foi que primeiro me deixasse estudá-los para saber se podíamos confiar neles. Pedi para não mostrar do que era capaz porque não sabia de suas reais intenções. E o que você fez? Travou um duelo com William — justo o número mais alto dali.

Claro que suas habilidades eram superiores às dele — tudo fruto do seu treinamento de anos —, mas, ainda assim, não o conhecia para saber do que ele era capaz. Ao ver a lâmina da espada dele ultrapassar o seu abdômen, quase enfartei.

É, coisa rosa, você só me dá dor de cabeça.

Você não faz ideia do quanto aquele garotinho ruivo deslocado está feliz agora, aquele garotinho que muitas vezes você teve que acolher e ajudar. Não faz ideia do bem que fez a mim, de como sou grato por ter tido a oportunidade de fazer parte da sua vida.

Helena, você é incrível por si só. Não Número Cinco nem a garota que se cura em uma velocidade absurda ou a que tem a força de mil homens, mas a minha melhor amiga, minha irmã. Você é incrível pela pessoa que se tornou. Pela pessoa que chora pelas plantas ao sugar sua água, aquela que se despedaça cada vez que um humano inocente morre por conta de um Zeken, que não se importa de se jogar em frente a um amigo para salvá-lo, mesmo sabendo das consequências.

Nunca deixe que isso morra em você.

Não me arrependo de nada do que vivemos e faria tudo de novo apenas para ver o seu sorriso singelo mais uma vez ou ouvir um resmungo envergonhado ao fazer uma piada da sua aparência, ou simplesmente.... para viver mais um momento ao seu lado.

Você me ensinou que família são os laços que se formam através do amor. São mais fortes que laços sanguíneos quando os cultivamos para que seja de tal forma. Ter uma família depende de nós mesmos, e graças a você entendi isso.

Você é minha família.

E arrisco dizer que até mesmo Alejandra, Rob, Will e James são minha família. Porque todos aprendemos a nos ajudar e sei que daríamos a vida uns pelos outros. Isso é amar alguém.

Não importa se demorarmos a vencer essa guerra, não importa se sofreremos mais ainda até chegarmos a Kaguyan. Porque enquanto estivermos unidos através dos laços os quais formamos, tudo valerá a pena.

Ah, e não se preocupe, morrer não é tão ruim quanto pensávamos que era. É como... adormecer. Mas não se afobe, não quero vê-la aqui tão cedo.

Deixei James incumbido da difícil tarefa que é deixá-la viva. Afinal, todos sabemos o quanto é complicado manter esse vulcão sem entrar em erupção. Ele irá conseguir, tenho certeza, pois o que James sente por você é mais forte do que qualquer coisa.

Você está em boas mãos.

Bom, é aqui que me despeço, coisa rosa. Agora vou me encontrar com Ruan, e assim poderei assistir, ao lado dele, a você conquistando o mundo à sua maneira e mostrando a todos... quem é Número Cinco.

1

Eram essas as palavras que imaginava que Lorenzo diria pela última vez. Infelizmente, sabia que aquilo era apenas fruto de sua imaginação e que nunca teria a chance de ter aquela despedida.

Deitada sobre o colchão macio, Helena fazia técnicas de relaxamento e respiração na tentativa de buscar o sono de que seu corpo tanto estava precisando.

O dia fora estranho. Primeiro o enterro de Lorenzo e em seguida aquele turbilhão de informações novas trazidas por Elisabeth e o recém-descoberto Chang. Sentia que, mais do que nunca, suas chances de derrotar Kaguyan, a Rainha Vermelha, haviam crescido de modo significativo.

Helena suspirou e foi inevitável pensar que se Lorenzo tivesse tido mais tempo, poderiam vencê-la juntos. Sentou-se na cama. Não sabia havia quantas horas estava naquela tentativa de dormir, mas não havia feito nenhum progresso desde então.

Calçou um chinelo que estava ao lado e saiu do quarto, evitando emitir qualquer som, para seguir ao único lugar que conseguiria lhe dar um pouco da paz de que tanto precisava: o mar.

Dirigiu-se até a praia e ficou descalça. Caminhou alguns passos e se agachou, pegando um pouco da areia ainda quente, fruto do dia de sol que fizera.

Sabia que teriam um gás maior para lutar contra a Rainha Vermelha, mas por que não estava empolgada? Horas antes, havia dito a James que seguiria em frente pelas pessoas a quem amava, que estavam vivas, contudo por que nada mais fazia sentido? Toda aquela determinação, uma caracte-

rística tão presente em si, parecia se esvaír por seus dedos do mesmo modo como a areia escorria pelas mãos.

Levantou-se e seguiu até chegar perto da água tão calma e quase sem ondas. Como o mar podia estar tão sereno? Como a água, seu próprio elemento, podia ser harmoniosa quando ela estava um caos? Enquanto sentia como se fosse explodir a qualquer momento.

Já estava próxima o suficiente da água. No momento em que sentiu as leves ondas tocarem seus pés, começou a sentir os seus olhos arderem e as grossas lágrimas escorreram por seu rosto novamente. A cada instante seu peito parecia se comprimir mais, e sentia que o ar estava acabando. Suas mãos tremiam e então toda aquela dor passou a ser raiva.

Estava cansada daquilo.

Levantou as mãos trêmulas em direção ao mar e tencionou os músculos para que a dominação de água acontecesse. Estava fraca por conta das noites maldormidas e da má alimentação, mas ainda assim conseguiu emergir do mar uma grande quantidade de seu elemento. Quando a grande bolha de água ficou a alguns centímetros da linha do mar e a raiva corroeu suas veias, Helena fez aquela massa líquida ser arremessada contra si, encharcando-a por completo.

Sentiu dor ao jogar a água contra seu corpo, mas, de certa forma, aquilo a revigorou. Precisava de mais. Então fez a dominação mais uma vez e repetiu o processo. Era como se tivesse levado um soco no rosto. A dor em seu coração, porém, começou a passar para seu corpo; a punição pareceu eficaz.

Uma nova bolha de água se formou e já a atingia em cheio sobre o rosto. Helena passou a mão em suas bochechas e pôde sentir a presença de cortes e sangue escorrendo, que assim como apareciam tão logo começavam o seu processo de cura.

Já sem forças, ajoelhou-se na areia e chorou mais uma vez.

Naquele momento, deu-se conta de que não sabia o que seria de sua vida sem Lorenzo. Nem sequer sabia como agir ou o que fazer. Não tinha a menor ideia do que viria a seguir.

Sentiu a presença de James atrás de si, mas não se moveu.

— Vá embora.

— Não. — Escutou a voz rouca dele. — Senti sua oscilação de dentro da casa.

— James, me deixe sozinha — declarou com a cabeça baixa, ainda ajoelhada em frente ao mar.

— Não vou deixar você destruir a si mesma. Você não está sozinha. Tem Alejandra, Will, todos os outros e... Você tem a mim.

James tentava dar a ela o que recebera pela manhã: consolo.

Em seu quarto, também sem sono, sentira a oscilação da dominadora de água e se levantara na tentativa de acalmá-la, mas ao chegar no cômodo destinado a ela havia visto que estava vazio. Seguiu para fora e observara perto da casa a garota dominar água. Havia se preocupado quando ela começara a jogar o próprio elemento contra si.

Sabia que Helena estava a ponto de uma explosão, todavia não imaginara que viria a acontecer tão rápido, e pior, que jogaria toda a raiva e ódio contra si mesma. Todos aqueles ataques a machucavam, e saber que preferia sentir aquelas dores a enfrentar o sofrimento que preenchia o seu coração acabava com ele.

— Onde está aquele Número Quatro que conheci? — perguntou ela ao se levantar e encará-lo. — Aquele que não acreditava em laços e que se negava a aceitar que juntos somos mais fortes?

— Aquele número não existe mais — falou ele calmamente, franzindo as sobrancelhas ao ver os cortes no rosto dela. — O que você vê agora é Número Quatro... mudado por Número Três.

A expressão dela alterou de raiva para pesar quando James mencionou Lorenzo. Helena voltou o seu olhar para o mar, encarando a imensidão.

— Eu não consigo sem ele, James. Não consigo... — sussurrou. — Está doendo demais. Não sou forte o suficiente.

Ele suspirou ao vê-la baixar o olhar e então pensou em como poderia expressar tudo que sentia. Por alguns instantes, lembrou-se de sua última conversa com Bruce e em como aquilo parecia distante de sua nova realidade por não fazer mais nenhum sentido.

— Bruce me ensinou várias coisas — disse, chamando a atenção dela, que ergueu o olhar. — Dentre elas, que laços são apenas para enfraquecer as pessoas. Segundo ele, são esses sentimentos que nos levarão à ruína. Um dia ele me perguntou se me entregaria ou daria a minha vida por alguém, se desviaria do meu caminho para salvar uma pessoa com quem me importava.

— E o que você respondeu? — perguntou Helena, olhando-o.

— Nada. Embora em meu íntimo achasse aquilo besteira, não entrava em minha cabeça desviar do objetivo de uma vida inteira por apenas uma pessoa. Meu mentor dizia o tempo todo com orgulho que somos uma raça pura e invejada. Sempre acreditei que não poderia deixá-la ser extinta por puro egoísmo — narrou. Helena o olhava com atenção, abraçando o seu próprio corpo. — Fiz uma promessa há muito tempo de que não me aproximaria de mais ninguém, como aconteceu com William. Prometi a mim mesmo que jamais deixaria outra pessoa entrar.

— Você quebrou sua promessa — complementou, sabendo da proximidade com Lorenzo e do quanto James estava sofrendo também.

— Sim, a quebrei quando estávamos no penhasco. — James chegou mais perto dela. — Você se atirou em frente a William para salvá-lo do ataque de bolas de fogo, mesmo que tivesse o conhecido havia pouco tempo. E no momento em que Lorenzo estava sob o poder dos Zekens, você o empurrou, pronta para ser atingida no lugar dele. Naquela hora, quando corri para salvar você, quebrei minha promessa. Desde então não consigo não me preocupar com você.

— Não precisa se preocupar comigo, James.

Helena desviou o olhar.

— Tarde demais — rebateu James, levantando a mão para puxar o rosto da garota para si. O espaço entre os dois agora era mínimo. — Já me preocupo e vou cuidar de você.

— Por quê? — perguntou ela, encarando-o com um olhar sôfrego. — Por que se importa?

— Você não sabe? — James estava temeroso, mas a cada instante queria chegar mais perto dela. — Não consigo parar de pensar em você.

A expressão da garota se tornou um misto de dor e surpresa, porém não teve tempo para assimilar a situação, porque ele já acabava com o espaço existente entre os dois, segurando-a pela cintura.

James levou seus lábios até os dela e os selou.

Não tinha experiência em contatos íntimos, no entanto decidiu seguir os seus sentimentos e tudo o que seu coração dizia para fazer. Helena correspondeu, ainda confusa, mas pronta para receber o beijo lento de James.

Era mais do que um simples beijo, era a demonstração de que tudo valeria a pena, era a certeza de que teriam forças para seguir em frente. Estariam depositando suas forças um no outro. Um não desistiria e lutaria até o fim pelo outro.

Helena levou a mão até os cabelos rebeldes de James e diminuiu ainda mais o espaço, levantando um pouco os pés para ficar na altura dele, que, por sua vez, apertou sua cintura e levou a outra mão até o pescoço dela.

Quando se separaram, James notou algo diferente no olhar dela. Era um olhar de... esperança.

– Venceremos isso... juntos – disse ele, ainda com Helena em seus braços.

– Juntos.

Ela soltou um sorriso mínimo.

Se tivesse a chance de dizer algo a Bruce, seria que honraria a raça pura e invejada a qual ele pertencia, honraria-a demonstrando o que seu amigo Lorenzo lhe ensinou.

James não desviaria de seu caminho por alguém, porque seu caminho era Helena.